

responsabilidade social, lógica do lucro & sensibilidade

francesco napoli

“Responsabilidade social” Este é um termo em voga atualmente. Todas as grandes empresas falam em programas, projetos e ações no “social”. Inclusive investimentos dessa ordem já são exigências de empresas estrangeira para comprar de empresas nacionais, ou seja, investir no “social” se tornou um diferencial competitivo. Será isto um “avanço da humanidade”? Ou mais um engodo da modernidade e suas contradições? Podemos dizer que vivemos a modernidade sem a modernização? Se entendermos o termo modernidade apenas em seu significado temporal, limitado ao aspecto ligado à periodização convencional do ocidente, podemos dizer que todos os países do mundo vivem a modernidade por serem contemporâneos. Porém a modernização – que podemos entender como o conjunto de avanços tecnológicos que geram modificações econômicas, políticas e culturais – não é igual em todos os países. A questão que se coloca é a noção, já criticada por autores da modernidade, de que a história é uma evolução. Idéia legada da dialética hegeliana e do evolucionismo darwiniano que foi engendrada pelo senso comum na medida em que a tecnologia a corrobora. Avanços tecnológicos não significam necessariamente avanços humanísticos, ou seja, o fato de a tecnologia nos oferecer cada vez mais alternativas não implica o fato de a humanidade se tornar melhor. Basta lembrarmos que os principais avanços tecnológicos que vivenciamos hoje são consequência de pesquisas patrocinadas por interesses bélicos.

Não é possível sabermos se as grandes empresas têm intenções realmente humanísticas ou apenas capitalistas. É claro que existem pessoas, profissionais e empregados destas grandes empresas que acreditam nas propostas e se empenham, mas sabemos de muitos casos de decepções por parte destas mesmas pessoas diante de decisões administrativas consideradas necessárias e que acabam com estes projetos sem muitas explicações. É sempre a “lógica de

mercado” que prevalece. Então não há ação social que só queira se auto-sustentar sem acumular lucro? Existe o terceiro setor, composto de empresas não ligadas ao governo, sem fins lucrativos que desenvolvem ações voltadas para a sociedade. Este setor está em crescimento no Brasil e muitos acreditam que ele é o futuro. Mas outros, mais pessimistas, dizem que a lógica capitalista sempre vai prevalecer e mesmo o terceiro setor precisa de expansão e conseqüentemente vai acabar “entrando no jogo” capitalista. Resta a questão: Por que esta tal “lógica do lucro” tem que prevalecer sempre? Será que temos naturalmente esta ambição e qualquer um de nós, em uma posição de poder financeiro se renderia ao mesmo velho sistema? Ou será que engendramos estes valores culturalmente? Os defensores dessa tal lógica partem do pressuposto de que é a razão que nos distingue dos animais e que nos faz iguais, conseqüentemente temos direitos iguais, mas não será a razão uma invenção que acaba se tornando tão repressora quanto a violência animal da qual ela quis se afastar? O capitalismo é fruto das revoluções burguesas feitas por ilustrados e hoje utilizamos o termo “capitalismo o selvagem” Não é uma contradição? Será que somos iguais mesmo? Como conscientizar as pessoas da necessidade de sensibilidade? Algo que não existe na tal “lógica do lucro”. Talvez a resposta esteja em nosso currículo escolar atual que privilegia duas disciplinas em detrimento das outras, duas disciplinas utilitárias em detrimento das disciplinas reflexivas. Se as crianças tivessem o mesmo número de aulas de filosofia, história da arte, antropologia, psicologia etc. quanto elas têm de matemática, talvez esta conscientização fosse espontânea.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/responsabilidade-social-logica-do-lucro-sensibilidade>